



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio

Bernardo Mançano Fernandes

Como citar: FERNANDES, B. M. Prefácio. *In:* DAL RI, N. M. (org.). **Educação Democrática, Trabalho e Organização Produtiva no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 9-14.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-061-0.p9-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PREFÁCIO

Bernardo Mançano Fernandes¹

Este livro trata de educação democrática, trabalho e organização produtiva no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Em minhas pesquisas sobre estes temas em vários países e continentes, não encontrei experiências mais avançadas destas construídas por um dos movimentos camponeses mais importantes do mundo: o MST. Neste contexto, afirmo que este livro apresenta um dos temas fundamentais para o desenvolvimento territorial do campo brasileiro. Mas, é preciso esclarecer de qual campo estamos nos referindo. É comum ouvirmos falar de cidades, mas não estamos acostumados a ouvir falar de campos. Mesmo quando escutamos falar de campos, podem estar se referindo ao bioma Campos. Estou me referindo a diferentes campos como diferentes territórios construídos por distintas relações socioespaciais. Estou me referindo ao campo construído pelo agronegócio e ao campo construído pelo campesinato. Esta classe social está se revitalizando com as lutas por terra/território, ou inaugurando uma nova forma de representar essas duas palavras: terr(a) itório. Terra compreendida como uma fração do território exige políticas de desenvolvimento, como educação e produção.

¹ Professor de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Presidente Prudente. Coordenador da Cátedra UNESCO de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial. <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7249-061-0.p9-14>

O campo produzido pelo agronegócio tem por base as relações capitalistas que controlam as políticas governamentais para a agricultura e a pecuária. É um campo com territórios monocultores de grandes extensões produzindo predominantemente para exportação. É um campo produtor de commodities com o uso de tecnologias e agrotóxicos. E por estas e outras razões é um deserto verde com produtividade em um campo em que não se pode viver por causa do uso intensivo de veneno na produção de alimentos e energia. O agronegócio é o modelo hegemônico na produção de alimentos ultraprocessados, completando a tragédia deste modelo, que usa o pesticida para produzir e processa o alimento transformando-o em fórmula química, tirando suas propriedades de ser uma comida. O campo do deserto verde produz a cidade do deserto alimentar, que são os vazios urbanos onde não encontra comida saudável.

Os campos e as florestas construídos pelo campesinato, pelos quilombolas e pelos indígenas têm por base relações familiares e comunitárias que lutam por políticas governamentais para a agricultura familiar, agroecologia e soberania alimentaria. É um campo com territórios policultores, de pequenas extensões produzindo predominantemente para o mercado local e regional. É um campo produtor de comida saudável que vem da agricultura orgânica e da agroecologia. É um campo onde as pessoas moram e trabalham, vivem em comunidades e em pequenas cidades, produzindo suas próprias ruralidades. Usam veneno somente quando estão subordinadas aos pacotes tecnológicos do agronegócio. Produzindo alimentos sem processamento ou com baixo processamento, estes produtores abastecem nossas casas com comida de verdade. Este campo é espaço de vida, que precisa de escola, de posto de saúde, de equipamentos e infraestrutura que garantam a qualidade de vida.

Fiz questão de diferenciar esses dois campos para que a leitora e o leitor possam identificar o campo ao qual estamos nos referindo. Esta informação é importante para que saibam da importância da Educação do Campo, uma educação que compreenda todos os territórios. Afirmando isso porque a educação convencional tende a ver o campo como uno e o agronegócio como totalidade, distanciando-se muitas vezes da educação democrática. Os campos são disputados permanentemente pelo campe-

sinato, pelas corporações nacionais e multinacionais e pelos povos indígenas que lutam pela retomada de seus territórios originários. Somente uma educação democrática pode compreender essas diferenças de modo crítico e propor superações. É esta educação que foi analisada na pesquisa que resultou neste livro. A educação do campo nasceu das lutas pela terra e pela reforma agrária. É fruto de uma visão de reforma agrária popular muito diferente da reforma agrária distributivista.

As políticas de reforma agrária produzem territórios e não somente áreas de produção. Estes territórios são espaços de vida onde as famílias existem e resistem, são terr(a)itórios disputados. A conquista da terra não é um trunfo definitivo. É uma vitória que deve ser cuidada para não se tornar uma derrota. As famílias que conquistaram a terra podem perdê-la. Uma condição de garantir a permanência na terra é o trabalho na produção de alimentos. Para a produção é necessário o acesso à educação. Essa razão fez com que o MST se tornasse o principal protagonista na luta pela educação do campo. Esta educação é, também, uma educação territorial, pois nasceu da preocupação de desenvolvimento dos territórios camponeses.

Para os iniciantes sobre os temas deste livro, vale destacar que não se trata apenas de uma pesquisa, mas também de um ensaio teórico–metodológico sobre a pesquisa. E este processo é realizado a partir de vários exemplos concretos das escolas do MST. Estamos muito acostumados a ver escolas geridas por governos e empresas, mas o que são as escolas geridas por movimentos socioterritoriais? Aqui você tem oportunidade de saber através de uma pesquisa qualificada. Vai compreender como uma classe social cria um projeto completo de educação, teoria e política, escola e professores, conhecimento e transformação.

Outro tema pertinente à educação democrática e à educação do campo é o trabalho. O que significa compreender o trabalho a partir de pessoas que, através do trabalho, produzem seus territórios, suas próprias existências? Compreender essa razão é essencial para a construção da educação democrática, pois a diversidade cultural do campesinato, seus costumes e relações com distintos biomas possibilitam distintos conhecimentos que necessitam ser recriados nas escolas e no mundo do trabalho. O traba-

lho é um desafio permanente para quem enfrenta a questão agrária em seu cotidiano e tem que superá-la a cada dia.

É por essa razão que os camponeses precisam se apossar da escola. Imagine como é uma escola cujo professor ou professora não conhecem a história da comunidade e quer impor conteúdos de cartilhas do agronegócio, muitas vezes produzidas com apoio das secretarias de educação. O agronegócio também pode destruir o campesinato por dentro da escola. Para um movimento socioterritorial, a escola é fundamental para produzir e qualificar seu território. Os estudos deste livro analisam este tema e dão exemplos relevantes desde a história do MST em diversos estados. Mostram como a população camponesa produz conhecimento e procura ter controle sobre ele, especialmente sobre a produção pedagógica.

A relação entre educação do campo e trabalho contribui para o desenvolvimento da experiência agroecológica no MST. Com intensidade ainda maior está a participação da mulher que se destaca cada vez mais nas territorialidades agroecológicas. Este é outro excelente exemplo de educação democrática, pois a agroecologia não existe sem a participação de todas e todos, não pode produzir desigualdade e deve preservar a terra, a água e a gente. A agroecologia é um desafio para a questão agrária que faz exatamente o contrário. Aqui encontramos o desafio do futuro da agricultura.

A educação do campo nasceu e se desenvolve com essa preocupação, mudar o futuro através da transformação disruptiva do modelo hegemônico da agricultura, principalmente porque o Brasil é um dos países que mais utiliza agrotóxico na produção de alimentos que são exportados para diversos países do mundo. A perspectiva da educação do campo que o vê como espaço de vida é uma fortaleza da transformação disruptiva. A educação do campo está construindo um paradigma que não separa o lugar da produção da comida do lugar de morar, que não separa o alimento de sua natureza para o bem da saúde. As produções orgânica, agroecológica e agroflorestal podem alimentar o mundo e minimizar o processo de aquecimento global, transformando os campos e as cidades, ampliando os territórios produtores de alimentos, redistribuindo igualmente a população.

Educação do campo e comida saudável como políticas públicas em que a sociedade participa e produz. A produção de alimentos está diretamente relacionada com a nossa existência. Quanto mais ultraprocessados os alimentos, mais destruimos a nossa natureza. Os conhecimentos e as culturas locais e globais se encontram nas relações mais importantes: a comida saudável e a educação democrática. Desde a escola, da universidade, da lavoura, do trabalho, da natureza, podemos pensar melhor as possibilidades de reconfiguração radical de nossos sistemas alimentares, tornando-os sustentáveis.